



CONTEXTUALIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA POTIGUARA NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma experiência de estágio supervisionado na rede pública

*Ivanildo de Azevedo*¹

*José Alexandre Marcolino dos Santos Moraes*²

*Rosania de Lucena Viana*³

Grupo de Trabalho GT 7 - Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas

Resumo

O presente estudo versa a respeito do relato de vivência do Estágio Supervisionado que é um pré-requisito para a formação no curso de Licenciatura em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. O relato de experiência em questão é fruto de um estágio no âmbito da escola pública, na qual, apontamos problematizações inseridas sobre a abordagem da ancestralidade através da cultura Indígena no território Tabajara e Potiguara entendendo a diversidade da cultura dos povos mencionados e a impotência de dar seguimento no ensino médio. Tendo como objetivo discorrer sobre a necessidade de trabalhar com conteúdo de acordo com a BNCC e que dê visibilidade à cultura indígena de forma mais efetiva e continuada no ensino médio e não apenas no ensino fundamental. Para a fundamentação teórica foram utilizadas referências bibliográficas de autores como: Barcellos(2024), Freire(2022), Holmes(2024), dentre outros. Na metodologia foi utilizada uma abordagem qualitativa, através de estudo exploratório de dois estágios supervisionados. Nesse sentido, podemos concluir que o papel do estagiário é fundamental, em aplicar a lei nº 11.645/2008, pois trata obrigatoriedade da temática do ensino da história e cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas em toda rede de ensino básico.

Palavras-chave: Ensino Religioso; arte; cultura indígena.

1 Introdução

¹ Ivanildo de Azevedo. Graduando em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: Ivanildo.azevedo@academico.ufpb.br.

² José Alexandre Marcolino dos Santos Moraes. Graduando em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: josemarcolino216@gmail.com.

³ Rosania de Lucena Viana. Graduanda em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: rosaniapb@gmail.com.

A escola é um ambiente de ensino e aprendizado e é no componente Ensino Religioso que podemos contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, juntamente com outras disciplinas, uma vez que propicia o contato do estudante com outras realidades, inclusive distantes e culturalmente distintas, mas que fazem parte de sua história porque está inserida em sua ancestralidade que foi a proposta do tema deste estágio.

Sabendo que o estágio supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 / 96), considero que o estágio é uma etapa importante na fase da formação profissional, não apenas por ter como objetivo adequar a formação do indivíduo às expectativas como profissional, mas por proporcionar experiência e atuação na sala de aula.

Em sua composição, além de que a própria lei nos coloca sobre o que é o estágio, é colocado a indagação; como lidar com pensamentos e questionamentos, que estão em constante formação.

O principal papel de ser professor vai além de um simples ensinar, pois é uma tarefa complexa uma vez que resulta de uma interação de experiências e conhecimentos que interferem de forma decisiva na educação biopsicossocial dos alunos (Freire, 2022).

Nesta perspectiva, compreendemos que o professor desempenha um papel crucial na formação não apenas do conhecimento acadêmico, mas também no desenvolvimento pessoal e social dos alunos, faz como que a experiência da regência no estágio seja indispensável para o pleno exercício da profissão, e em especial para o professor de Ensino Religioso (Guedes; Silva, 2018).

Por conseguinte, este relato de experiência exprime a importância do estágio na disciplina de Ensino Religioso para desenvolver uma proposta de ensino que promova o conhecimento dos povos indígenas e suas contribuições históricas, sociais, econômicas e culturais locais com vista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem em seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento a serem alcançados com cada faixa etária (Brasil, 2018).

E de forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários. No entanto, é papel do professor planejar o plano de aula que contemple a cultura indígena local e, na Paraíba, em particular a dos povos Tabajara, Potiguara, Cariri, Tarairu, no currículo escolar do ensino fundamental, sendo essencial para promover uma educação mais inclusiva, respeitosa e que valorize a diversidade cultural brasileira.

Além de como professor de ensino religioso, pode trabalhar e expressar aos estudantes estudos sobre os povos originários e mostrando que essa realidade não está distante deles, mas sim mais perto do que se parece.

2 Fundamentação teórica

O Ensino Religioso, orientado pela BNCC (Brasil, 2018), surge como uma proposta pedagógica capaz de transcender fronteiras dogmáticas, assumindo uma abordagem não confessional (Holmes, 2024). De acordo com os Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Religioso (FONAPER, 2009), em todo o país há grandes esforços pela renovação do conceito de Ensino Religioso, da sua prática pedagógica, da definição de seus conteúdos, natureza e metodologia adequada ao universo escolar.

Fundamentado na Ciência da Religião, esse enfoque procura oferecer uma compreensão aprofundada e crítica das diversas expressões religiosas, fomentando um ambiente educacional plural e respeitoso (Barcellos; Holmes, 2021).

No âmbito do Ensino Religioso, a BNCC estabelece que este Componente Curricular deve ser oferecido na etapa do Ensino Fundamental (Damasceno, 2023). Um dos pilares do Ensino Religioso é o reconhecimento da importância das tradições religiosas e sua transmissão intergeracional.

A BNCC emerge como uma ferramenta essencial para orientar o Ensino Religioso de maneira inclusiva e respeitosa, destacando a relevância das tradições religiosas, sua diversidade e, em particular, a valorização das tradições indígenas.

3 Metodologia

A metodologia deste trabalho teve uma abordagem qualitativa e foi utilizada num estudo exploratório de dois estágios supervisionados, na licenciatura do curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba.

3.1 O estágio supervisionado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda

A metodologia utilizada na experiência de estágio supervisionado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, da Secretaria de Educação de João Pessoa-PB, se deu no período de 29 de janeiro a 09 de maio de 2021. A turma de ensino Fundamental I, do 5º ano A, que funciona no período da manhã, composta por 30 estudantes, na faixa etária de 10 anos.

Sendo assim, a metodologia ativa em sala de aula, utilizou dos recursos de materiais que deu ao estudante a possibilidade de conhecer a cultura indígena através do conteúdo mostrando fotos a cultura Indígena dos povos Potiguara e Tabajara da Paraíba⁴, abordando os instrumentos musicais, os alimentos sagrados, arte e grafismo, para isso, fiz umas impressões coloridas para ajudar na parte visual dos alunos e identificar as características da cultura indígena.

Dando sequência é importante destacar que foi um diferencial levar uma maracá (Simas, 2024) para a sala, pois possibilitou aos alunos manipular o instrumento musical, explicando para a turma que a maracá é uma forma dos indígenas se conectarem com o sagrado nos rituais de cura e com a dança do Toré. E a contação de história através da lenda da Mandioca, neste contexto foi possível despertar nos alunos o interesse pelo desfecho da história de Mani, que morreu e depois se transformou em uma planta chamada mandioca.

Nesse momento o foco ficou para o desfecho da história na qual os estudantes gostaram de saber de onde vem o nome mandioca ou macaxeira, como costumamos falar no Nordeste, e também a sua importância para a produção de comidas feitas com a mandioca.

Em seguida, foi desenvolvido uma atividade prática de grafismo. Cada estudante reproduziu em uma tira, uma pintura de grafismo indígena colorida e quando cada um finalizava sua produção, eu a colocava em seu braço, percebendo uma boa participação de todos e produções muito coloridas. E no momento final da aula, houve a degustação dos alimentos indígena, como beiju, pipoca, paçoca etc.

3.2 O estágio supervisionado na Escola Municipal Moema Tinoco

O outro relato de experiência de estágio remete a algumas considerações importantes como: Ensinar não é apenas transmitir conhecimento de um lado para o outro, mas sim um processo dinâmico no qual, tanto o educador, quanto o educando estão envolvidos ativamente. Ambos desempenham papéis essenciais, e a experiência de ensino-aprendizagem é construída em colaboração mútua. “É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende” (Freire, 1997, p. 19).

O estágio não é apenas um rito de passagem em sala de aula, ele é marcante por seus mais diversos acontecimentos e aprendizagens na vida do estudante quanto na do estagiário. A experiência em sala de aula, traz para ambas as partes uma gama de agregações que superam muitas vezes, dias comuns de aula.

⁴ Sobre esses povos veja os sites: www.tabajarapb.com e <https://www.ufpb.br/portaipotiguara/index/>

O fato de ter uma pessoa nova, com pensamentos e didáticas diferentes ao cotidiano da turma observada, gera aos estudantes uma nova visão e perceptiva, que por consequência leva não só a turma, mas também o Estagiário a um mergulho por novas descobertas.

Com tudo que vem acontecendo com o mundo, toda mudança avassaladora do clima, o tempo, as tecnologias, com novas expressões religiosas e com a preocupação de entender-se e respeitar-se as diversidades em seus mais diversos temas, surge a necessidade de um Cientista das Religiões, professor de Ensino Religioso nas escolas, de modo a intermediar os diálogos, as interpretações, proporcionar os conhecimentos de outras culturas, outros povos e além de tudo, contribuir com a cultura de paz nas escolas.

Ao acompanhar uma turma no decorrer de um estágio supervisionado, em uma escola Municipal de ensino Fundamental durante 10 dias, pudemos observar a importância do ensino religioso e como esse componente curricular é de fundamental importância na formação humana e cidadã das pessoas.

O estágio supervisionado aconteceu na Escola Municipal Moema Tinoco, localizada na Cidade de João Pessoa, na rua José Rodrigues de Paiva, sem número, no Bairro João Paulo II; a Escola atende dois turnos, manhã com pré-escolar II e Fundamental I, no período da tarde pré-escolar II e Fundamental II, mantida e administrada pela prefeitura da cidade onde está localizada, na sala 14 do Fundamental I, que funciona no horário das 07:00 hs às 11:00 hs.

Dos vários temas trabalhados com as crianças, o que causou mais destaque, ou, por assim dizer, o mais impactante não só para mim, mas, como para a professora titular da sala, foi quando trabalhamos com o tema dos Povos Originários da Paraíba, especificamente, os povos Originários Potiguara e os Tabajara.

Esse respectivo tema foi trabalhado durante dois dias, nos quais no primeiro, foi discutido e mostrado a história dos Tabajara e Potiguara, falando sobre seus costumes, cultura, tradições, religiões e o quanto foram e são importantes para nós.

Ao abordar tal assunto ficou evidente que apesar de se ter bem próximo uma grande população de indígenas no litoral paraibano, Sul e Norte, quando se trata de assuntos dos povos originários, os estudantes amam falar sobre isso, mas, se conhece muito pouco ou quase nada dessas culturas, e em sua maioria, ainda se tem um imaginário preconceituoso e pejorativo do indígena, implantado há vários séculos pelos ocidentais colonizadores.

Após a abordagem do primeiro dia dialogando e aprofundando tal conceito, trouxemos a cultura indígena mais para perto dos estudantes, trabalhando com a cerâmica Tabajara, que tem o papel muito importante para eles.

Não podemos classificar a cerâmica Tabajara como sendo uma cerâmica exclusivamente utilitária, como talvez fossem as confeccionadas pelos seus ancestrais, pois a proposta da produção atual não é apenas ser uma cerâmica utilitária; sua maior relevância está em seu simbolismo de resistência, de recomeço e de continuidade do que foi estancado, do reencontro com a ancestralidade e com as energias telúricas (Saraiva, 2019).

Com o intuito de que os estudantes pudessem conhecer na íntegra, foi feita uma oficina na sala de aula, e com argila, eles puderam produzir a cerâmica com suas próprias mãos, usando suas criatividade. Um trabalho lindo, que gerou obras maravilhosas e que instigou os estudantes a conhecer e entender um pouco mais da cultura indígena do seu Estado. Como o material demora para secar, a continuidade da oficina com o contexto indígena se deu no terceiro dia de aula, com a pintura da cerâmica, onde eles amaram fazer essa atividade.

Levamos eles para o pátio da escola, para que pudessem pintar a cerâmica e mais uma vez identificamos a necessidade de se trabalhar com outras culturas, outras religiões, a fim de compreenderem e entenderem o Outro, as Diferenças, os Diferentes etc.

Por fim, destaco a importância do estágio Supervisionado na formação do professor, por conseguinte, o mais importante ainda, a presença do Professor de Ensino Religioso nas Instituições de ensino, levando de todos os conhecimentos o mais importante, conhecer e entender o outro.

4 Resultados e Discussão

A realidade da sala de aula demonstra os desafios que apresentavam sérios problemas de disciplina e atenção, sendo necessário que o professor parasse a explicação diversas vezes. Observamos também que os estudantes interrompiam muitas vezes, pedindo para ir ao banheiro, beber água, jogando com umas figurinhas ou até mesmo para fazer comentários sem ligação nenhuma com a aula. Alguns discentes até aparentavam interesse na aula fazendo algumas perguntas, mas ainda assim não conseguia manter a atenção no assunto abordado pelo professor.

E neste contexto percebemos o quanto a indisciplina em sala é um desafio. Segundo Rubem Alves (2001, p. 68), é importante, além da atenção voltada para o objeto do conhecimento, a curiosidade que ele desperta, "todas as vezes que você precisa pedir disciplina é porque alguma coisa está errada. Quando o jovem está realmente fascinado pelo objeto, você não precisa pedir [...]" Assim, diante dessa fragilidade referente a indisciplina, se faz necessário uma metodologia de ensino mais ativa, que leve o estudante a refletir e produzir algo relacionado à temática da aula.

No entanto, diante da realidade consideramos que um número de estudantes também interfere no nível de concentração para a aprendizagem dos conteúdos, e logo percebemos que com esse grau de indisciplina por alguns estudantes, seria algo desafiador e para tornar o conteúdo atrativo teria que desenvolver atividades lúdicas. Assim, foi durante as primeiras aulas que compreendemos a necessidade de elaborar um plano de aula com uma proposta mais proativa.

A mente da criança não é uma caixa a qual podemos tirar e colocar o saber quando o professor bem entender, eles não são tabulas rasas, cada qual tem sua profundidade a qual dialogam no seu contexto, até mesmo o meio social a qual a escola está inserida e de extrema importância esta visualização ao docente.

O professor tem que observar a realidade das crianças com o seu olhar, para que aquele momento seja “mágico” e inesquecível, pois o docente está falando a linguagem do estudante, e não algo distante, que só verão em livros e olhe lá.

De acordo com Freire (2022, p. 47), “Ensinar não é transferir conhecimento”. O professor não está lidando com fantoches, mas na formação de indivíduos questionadores, que vejam a sociedade de forma crítica, a fim de que possa ter uma outra visão do que está ao seu redor, e se encher de esperança.

Então é necessário trazer o conhecimento da realidade local. Quando se aplicou as atividades sobre os povos originários, muitos indagaram e nem sabiam que no estado da Paraíba existem indígenas. Os que tinham ciência, pensavam que só existia no município de Baía da Traição-PB. A iniciativa de mostrar a eles que os indígenas são uma realidade paraibana, e não estão distantes dos mesmos, foi de grande importância, assim como dialogar sobre o assunto, desmistificando preconceitos e fazendo com que eles possam encontrar com suas raízes ancestrais.

Ao professor cabe aproveitar e trabalhar de forma didática e usando de metodologia que instigue a participação dos discentes em sala de aula, dinamizando partilha de saberes, e garantido que o discente se interesse e se aprofunde nessa temática.

5 Considerações Finais

Este trabalho buscou demonstrar a importância da experiência de estágio supervisionado no endereçamento da cultura dos povos indígena Potiguara e Tabajara no ensino fundamental, demonstrou que é possível planejar um plano de aula que contemple a inclusão cultural não apenas enriquece o currículo escolar, mas também fortalece a identidade cultural dos povos originários.

Além de integração de práticas pedagógicas à diversidade cultural sendo essencial para construir um ambiente educacional que valorize e reconheça as contribuições das comunidades indígenas para a formação da identidade histórica que compõem a formação de nossa sociedade.

Portanto, é pertinente que o graduando em Ciências das Religiões tenha iniciativas educacionais que promovam o reconhecimento e o respeito pelas culturas indígenas, garantindo a visibilidade aos educandos para que tenham acesso a uma educação que reflita a riqueza da diversidade cultural que foram deixados pelos nossos ancestrais.

A lei nº 11.645/2008, que aplica a obrigatoriedade da temática do ensino da história e cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas, e o profissional que está mais preparado e o cientista das religiões, qual demonstra um diálogo entre a espiritualidade, cultura, história, arte e conseguir entender de perto o que ocorre com estes povos, além de uma comunicação com demais componentes, trazendo essa lei qual muitas das vezes e esquecidas pelos gestores escolar, professores e secretários de educação.

Referências

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus. 2001.

BARCELLOS, Lusival Antonio; HOLMES, Maria José Torres. O Ensino Religioso na Proposta Curricular do estado da Paraíba (PCPB): resistência e perspectivas. *Revista Pistis Praxis: Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 523-536, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/issue/view/2054>. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Lei nº 9.394/96.

BRASIL. Planalto. *Lei nº 11.645*, de 10 de março de 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

DAMASCENO, Sidney Allessandro da Cunha. *Percepções e desafios de professores de ensino religioso a partir da base nacional comum curricular*: reflexões sobre a didática. 2023. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

FONAPER. *Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Religioso*. São Paulo, Mundo Mirim, 2009.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não-cartas a quem ousa ensinar*. Editora Olho d'água, São Paulo -1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 74. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GUEDES, Thiago R. S de Souza; SILVA, Marinilson Barbosa da. Estágio supervisionado: uma perspectiva acerca das contribuições técnicas, legais e pedagógicas para a formação do professor de ensino religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p.174-196, ago. 2018.

HOLMES, Maria José Torres. *O ensino religioso não confessional no currículo da escola pública da Paraíba, segundo gestores e especialistas*. 2024. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

SARAIVA, Ilson Roberto Moraes. *Cerâmica e pintura corporal indígena: a arte como agente de consolidação do patrimônio imaterial dos Tabajara da Paraíba /PB*. 2019. 40 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação (CE) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões.

SIMAS, Gilson da Penha. *MARACÁ: Um estudo à luz da prática simbólica e da vivência espiritual e cultural do povo Tabajara da Paraíba*. 2024. TCC (Bacharelado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.